

A VOZ de MELGAÇO

Proprietários: A. LUÍS VAZ e JÚLIO H. VAZ

Director e Administrador: JÚLIO HILARIÃO VAZ

Subdirector: CARLOS NUNO VAZ

Redacção e Administração: Largo da Senhora - a - Branca, 105 - BRAGA

★ ANO XXIX - N.º 551 - Melgaço, 1 de Novembro de 1974

★ Tip. Augusto Costa & C.a, L.da - Tel. 22455 - Braga

Neste mês da saudade

É o mês de Novembro dedicado aos mortos, aos nossos mortos.

A saudade e a tristeza invadem-nos a alma e o coração. Choramo-los, e nas nossas lágrimas há dor e resignação.

Mês de Novembro em pleno Outono, mês em que as folhas das árvores amarelecem e o vento começa a derrubá-las ímpiosamente.

Para nós a beleza do Outono é feita da policromia das cores, cores que se vão extinguindo por falta de vida.

A todos nos espera o outono da vida. Mas quantos, e dos nossos, já partiram para a eternidade antes do outono. Na nossa terra, e, só em desastres de automóveis, a juventude, a «primavera da vida», pagou tributo à morte.

Esta desce em qualquer momento, e as fibras íntimas da nossa alma já registaram factos destes em todos os lares.

Afinal a morte é uma das maiores certezas da vida. E, apesar de o ser, dificilmente se conforma o nosso coração com esse ceifar permanente de vidas.

A atestá-lo estão os nossos cemitérios, peçados de flores e de velas.

Naquelas, o perfume da nossa saudade; nas velas, a luz da fé, a dizer-nos que, para o cristão, a vida não acaba no túmulo, no cemitério; a dizer-nos que ela começa, para não mais acabar, no momento da morte.

A fé é o alento do cristão, é a esperança de um encontro interminável, a certeza de que as nossas orações são um contributo para a verdadeira felicidade dos que nos deixaram e dos que ficaram.

* * *

É bom, crente e piedoso, o povo da nossa terra.

Em 1967 tomava em Francfort, Alemanha, o avião da carreira para Lisboa. Ao meu lado, um rapaz novo, que recusava as ofertas da hospedeira para que almoçasse. De repente, como quem acorda de um pesadelo, o rapaz pergunta à hospedeira se o avião, em chegando a Lisboa, tinha ligação para a cidade do Porto. Porque a hospedeira não tinha elementos para a resposta, adiantei-me e disse o horário do avião Lisboa-Porto, que eu tomaria. Agradeceu-me, e explicou-me a razão da pergunta.

—«Sabe, sr. padre, sou um emigrante, e ontem recebi um telegrama da família a dizer-me que meu pai está gravemente doente. Deve já estar morto, acrescentou o emigrante. Quero vê-lo ainda, e consegui um bilhete de avião. Diga-me, sr. padre, qual o valor do dinheiro senão para as homenagens aos nossos pais?»

É assim a gente da nossa terra. A sensibilidade que possui, a generosidade que aprecia devidamente, e a gratidão que ainda conserva fazem com que a gente da nossa terra seja única no mundo.

Saibamos conservar estas belas qualidades e aperfeiçoemo-las. Que elas sejam escrupulosamente guardadas por nós todos.

Mas a nossa gente é crente, é piedosa. Esforçemo-nos por dar à dor e à saudade a luz da fé e da esperança.

Cubram-se as campas dos nossos mortos de flores e de luzes. Mas não esqueçamos que as flores murcham e as velas se apagam. Só as preces, as orações, é que levam conforto e felicidade aos nossos mortos.

Mês de Novembro, mês de saudade!

Mês de Novembro, mês dos nossos mortos!

Recordemo-los com saudade, e com preces, na nossa casa, no cemitério, na igreja, em toda a parte.

Façamos o Mês das Almas.

JÚLIO VAZ

Terminou a IV Assembleia do Sínodo dos Bispos em Roma

De 27 de Setembro a 26 de Outubro realizou-se em Roma a IV Assembleia do Sínodo dos bispos. Trata-se, em poucas palavras, da reunião dos representantes dos episcopados do mundo inteiro para estudo dos problemas que o Santo Padre propõe à consideração dos bispos reunidos. Este ano o tema central era o da evangelização do mundo de hoje, isto é, como conseguir que o Evangelho de Jesus Cristo tenha acolhimento pelos homens do nosso tempo?

Os problemas que hoje se levantam ao anúncio do Evangelho de Cristo são muitos e complexos: mais de metade do mundo é constituído por gente com menos de 30 anos, jovens que em grande maioria aceitam Cristo mas criticam a Igreja e os seus membros responsáveis; os operários parecem ter-se afastado muito da Igreja; a classe intelectual adere a outras doutrinas; as religiões não católicas, isto é, as religiões cristãs e mesmo as outras religiões não cristãs, como por exemplo o Islamismo pe-

dem à Igreja católica uma atenção diferente da dispensada até hoje; os cristãos do chamado terceiro mundo (povos de Ásia, África, América do Sul) exigem que as verdades do Evangelho lhes sejam anunciadas em moldes que tenham em conta as diversas culturas e modos de ser dos respectivos povos que até têm um modo de pensar bastante diferente do mundo ocidental.

Os 206 bispos reunidos em Roma com o Papa e tendo diversos especialistas a ajudá-los, puseram em comum as preocupações que acabo de expôr e apresentaram algumas soluções que o Santo Padre estudará para de seguida dizer se podem ser postas em prática. E a esmagadora maioria das soluções propostas será sem dúvida aprovada.

Nesta reunião dos bispos vieram ao de cima algumas das maiores dificuldades para o anúncio do Evangelho hoje. Entre elas se situam a perseguição religiosa movida aos cristãos nos países de influência comunista, embora se permitam certos actos de culto e os governos tenham visto que é impossível tirar a religião aos povos; condenou-se também a perseguição que movem certos estados ditos cristãos e os obstáculos criados à evangelização pelos sistemas capitalista-imperialistas, que, reduzindo os povos a meros manequins nas mãos das grandes companhias multi-nacionais e dos grandes monopólios económicos, conduzem ainda uma política de consumo e prazer edonista que muito dificulta a penetração das verdades evangélicas.

Este Sínodo mostrou também que está a nascer uma Igreja distinta da Igreja Europeia e Ocidental. Enquanto por cá ainda nos mantemos agarrados às velhas paróquias e centramos toda a vida religiosa nos actos de culto, nos países do terceiro mundo vai-se impondo a Igreja das comunidades de base. Os cristãos não se reúnem como desconhecidos para umas tantas cerimónias religiosas que depois nada influem na vida concreta. Tomando como ponto de encontro as relações de amizade existentes entre vizinhos e pessoas que lutam lado a lado nas mesmas tarefas e preocupações, um número reduzido de pessoas reúne-se regularmente para estudar a sério o Evangelho e procurar vivê-lo na vida quotidiana de uma forma convincente. Estes pequenos grupos estão em pleno crescimento e vão-se impondo como um dos meios de combater os malefícios da assim chamada sociedade «anónima» moderna que condena pessoas que moram no mesmo edifício a viverem como desconhecidas. As «comunidades de base» buscam descobrir o sentido autêntico do amor fraterno e levá-lo a todas as consequências como fizeram as primitivas comunidades cristãs. Sucede, porém, que estas comunidades só com muita dificuldade podem conseguir um sacerdote que sirva de animador e que presida os actos de culto, sobretudo a Eucaristia. Por outro lado, cresce nelas a exigência de celebrar a Eucaristia pois é o centro da vida cristã. E à

(Continua na 4.ª pág.)

Vida Política Nacional

■ O CHEFE DO ESTADO FOI AOS ESTADOS UNIDOS

Sua Ex.cia o Chefe do Estado, General Francisco da Costa Gomes, foi aos Estados Unidos.

Em Nova York falou na Assembleia Geral das Nações Unidas, onde foi muito aplaudido; em Washington, conversou com o Presidente dos Estados Unidos e com o Secretário de Estado Kissinger, e esteve, ainda na organização da Aliança Atlântica. E recebeu luso-americanos, que o vieram cumprimentar.

Sua Ex.cia o Chefe do Estado, ao regressar a Lisboa, fez declarações:

- que na Organização das Nações Unidas Portugal encontrara receptividade;
- que nas conversações com o Presidente dos Estados Unidos, encontrara compreensão;
- que na Aliança Atlântica verificara que Portugal tinha de fazer uma opção;
- que tranquilizara os luso-americanos, a respeito dos receios acerca da situação de Portugal.

■ OBRAS DE ENVERGADURA

Os troços, das auto-estradas, Carvalhos-Aveiro e Porto-Famalicão estarão concluídos até ao ano de 1977.

(Continua na 3.ª página)

TOMA POSSE a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Melgaço

No próximo dia 4 segunda-feira, o Sr. Governador Civil de Viana conferirá posse aos elementos que fazem parte da Comissão Administrativa da Câmara de Melgaço democraticamente eleita em assembleia pública convocada para o efeito, já há meses.

Da Comissão Administrativa da Câmara Municipal farão parte, nomeadamente, o sr. Dr. António Durães, o Eng. Artur Rodrigues, o sr. Manuel Fernandes (Cota), o sr. Alberto Domingues, o sr. Manuel José Igrejas e Manuel Dias Novo.

As dificuldades que vão ter de superar numa Câmara dei-

xada à beira do caos e da ruína económica são enormes. E todo o Concelho espera um comunicado público em que se informe com verdade sobre a situação em que ficou a Câmara de Melgaço depois de quatro anos de administração deficiente.

Estamos em crer que o público de Melgaço será informado tempestivamente de tudo o que se passou com a Câmara Municipal e bem assim do que se irá fazer dentro das possibilidades locais. De promessas vão já todos estão saturados. Queremos obras a realizar dentro dos respectivos prazos se for possível,

VIDA INTERNACIONAL

Eleições na Inglaterra

A Inglaterra é uma Nação com grandes tradições, com notável sentido político, com grande nível económico e denodada educação cívica.

Esta — a educação cívica — veio, mais uma vez, para público nas últimas eleições gerais, efectuadas no dia 10 do mês de Outubro passado.

A Inglaterra, embora seja uma monarquia, o sistema político é democrático. Vem-lhe do século XIII.

Um Rei lançava impostos a torto e a direito para manter guerras que os seus caprichos lhe ditavam.

Os donos das terras, que tinham de pagar impostos conforme dava na vontade ao Rei, resolveram revoltar-se. Aprisionaram o Monarca numa ilha e obrigaram-no a assinar a chamada Carta Magna, a qual obrigava o Rei a consultar o Parlamento, sobretudo quando fosse necessário lançar impostos.

A Inglaterra mantém o seu poder democrático no justo equilíbrio de três poderes: o Rei, a Câmara dos Comuns ou Parlamento, e a Câmara dos Lordes.

O que mais preocupa os ingleses, são as finanças.

Donos que foram de um grande e rico império, senhores de uma indústria aperfeiçoada, dispondo de uma marinha poderosa, os ingleses criaram um elevado nível de vida. E batem-se por ele. Não admira, pois, que o actual Primeiro Ministro Wilson dissesse, após a vitória eleitoral, que a presente crise económica era a mais grave desde o final da última guerra, a de 1939 a 1945.

Perderam o Império com a descolonização, sofreram a concorrência comercial dos Norte-Americanos, que aparecem em toda a parte, e perderam o comando político da Europa. Hoje a Inglaterra é uma Nação de segunda categoria.

Com uma agricultura pobre, vive da indústria e do comércio. Mas a indústria sofreu as consequências do aumento do custo da gasolina e das matérias primas. Com o aumento da produção dos artigos aumentou o preço destes, e, consequentemente, aumentaram os preços no mercado de compra e venda.

Os salários tiveram de subir. Desta forma surgiu a inflação, ou seja a desproporção entre o preço dos artigos de compra e o dinheiro para os comprar.

Aumentaram os salários e aumentaram os preços. Resultado: subiu o custo de vida.

Começou, pois, o inglês a recuar pelas suas comodidades e pelo seu bem estar. Os sindicatos entraram em greve. E neste ano os ingleses já foram duas vezes às urnas a fim de escolherem um governo que tenha maioria capaz para tomar as medidas que combatam a inflação e eliminem a crise económica.

As eleições foram ganhas pelos Trabalhistas contra os Conservadores.

A campanha eleitoral foi muito rija, mas foi respeitadora e educada. Trabalhistas e Conservadores apresentaram ao povo, ao eleitorado, três grandes problemas:

- 1) a gravidade da crise económica;
- 2) a inflação ameaçadora, e

3) as soluções que cada partido apresentava para solucionar a crise e deter a inflação.

Não faltaram os números nem a leitura dos mesmos.

O povo ouviu, pensou, e foi às urnas. Entendeu que os Trabalhistas davam mais esperanças de solução aos problemas. Ganharam, pois, os Trabalhistas.

Certo da vitória Wilson, chefe do Partido Trabalhista, não atacou o adversário. Disse que era necessária a unidade nacional para debelar a grave crise económica que a Inglaterra atravessa.

Já Giscard d'Estaing, Presidente da França, ao vencer as eleições, pediu a colaboração de todos para vencer a crise que a França atravessa.

Neste momento, com excepção para a Alemanha Ocidental e para os Estados Unidos, onde a crise não é acentuada, todos os países ocidentais estão a passar por graves dificuldades económicas. Para as vencer é necessário trabalhar, ser austero nas despesas, e investir na produção, sem descurar o aumento das exportações.

A economia de uma Nação é como a economia da nossa casa. Temos de saber, logo no começo do ano, de onde nos há-de vir o dinheiro para as despesas da família e da vida da casa, desde o milho, ao vinho e ao gado.

É preciso trabalhar para produzir, pois sem produção não podemos vender. É preciso ter quem compre, pois podemos ter as adegas cheias e não ter dinheiro para as despesas. É preciso apertar o cinto, ser austero, quando as despesas começam a exceder a receita. E, então, pouparamos.

Nas nações faz-se o mesmo. O Governo Trabalhista vai aplicar esse plano, para vencer a crise económica que atravessa. O povo confiou esse trabalho aos Trabalhistas. Vamos a ver como se desempenham dele.

Júlio Vaz

Assine e Anuncie em
"A Voz de Melgaço,"

Promessa à S. S. S. S. S.

A Empresa Hidro-Eléctrica do Coura, só em 13 de Setembro último concluiu a única electrificação iniciada no concelho de Melgaço durante o mandato do dr. Sidónio S. S. S. S. na Presidência da Câmara, Paderne (parcial) a S. Paio (parcial).

Aquando da apresentação do primeiro Plano de Actividades para o ano de 1971, afirmou que seriam electrificadas duas freguesias e que trabalhava para que fosse incluída mais uma a título de compensação pelo atraso verificado.

Este melhoramento já estava incluído no plano de 1969. O projecto fora enviado às esferas superiores em 24 de Maio de 1965.

A comparticipação foi concedida, em 11-2-1972. A obra devia ficar realizada até 30 de Abril de 1973, mas só o foi em 3 de Setembro e já fora dos 4 anos do seu mandato.

- dr. Sidónio prometeu.
- dr. Sidónio não cumpriu.

Sinodo dos Bispos

(Continuação da 1.ª página)

volta disto surgem inúmeros problemas para os ocidentais prisioneiros de uma tradição que apresenta um modelo de padre que cada dia escasseia sempre mais. O Padre formado em 12 ou mais anos de seminário, celibatário, não chega para as necessidades. E são muitos os bispos que se vêm a braços com dificuldades insuperáveis. Basta pensar que há dioceses no Brasil com uma extensão maior que Portugal inteiro, com uma população de 1 milhão de habitantes e apenas 8 ou 10 padres para a servir. Como é possível atender esta gente? Como estar de consciência tranquila se, por exemplo, a diocese de Braga tem em média um sacerdote para cada 1.000 pessoas e há outras dioceses em que o padre tem de estar ao serviço de cem mil pessoas ou mais ainda?

O mundo de hoje deu maior papel à mulher na sociedade. A mulher hoje, pode ser tudo na sociedade civil. E na Igreja porque não há-de também poder ser? Se já há paróquias em que as religiosas desempenham todos os serviços de um sacerdote, excepto celebrar missa e confessar, porque havemos de privar tais comunidades de viver o mistério central da nossa fé cristã só porque a mulher nunca desempenhou tais funções na Igreja?

Numero alguns dos problemas surgidos e que podem causar certa estranheza no nosso povo, para não falar de escândalo, mas que importa esclarecer para evitar, amanhã, danos ainda maiores.

A Cúria Romana e muitos bispos ocidentais que, no Sinodo de 1971 viam alguns destes problemas com certa ironia, foram agora postos diante de factos consumados e perante uma linha de conduta que parece irreversível. Este um dos méritos do Sinodo.

Quase a finalizar a sessão, o IV Sinodo dos Bispos fez publicar um documento sobre os direitos do homem e a reconciliação que o Santo Padre fez também como sendo documento seu e que constitui um passo notável da Igreja para ir de encontro aos anseios de milhões de homens cujos direitos são ainda miseravelmente esmagados em todos os sentidos. Dada a sua importância reservamos-lhe maior espaço para a próxima vez.

CARLOS NUNO

Antigualhas Melgacenses

XLVIII

Autoridades locais

(Continuação)

- 1258 Nas inquirições mandadas fazer por D. Afonso III, entre as pessoas importantes ouvidas na vila de Melgaço, aparece Pedro Moniz pretor. Pretor vinha a ser a autoridade militar ou seja o alcaide (1).
- 1263 Deste ano (correspondente à era 1301 na mesma expressa) encontra-se uma inscrição junto à porta das muralhas voltada a poente da vila, onde se pode ler Martinho Gonçalves casteleiro. Ora casteleiro, ou encarregado do castelo vem a ser o alcaide. A inscrição está em latim.
- 1301 Veio a Melgaço João César com mandato régio para inquirição, que foi lido perante Gonçalo Anes de Paderne e Gonçalo Anes de São Paio juizes dessa vila, e perante Pedro Anes e Rodrigo Anes e Martinho Pires tabeliães dessa vila (2).
- 1307 Veio a Melgaço o inquiridor Aparício Gonçalves, em nome do rei D. Dinis, e conferiu os rois das inquirições de 1290 e 1301 perante Geraldo Migueis e Rui Martins juizes dessa vila, e perante Pedro Anes e Rodrigo Anes e Martinho Pires tabeliães desse lugar (3).
- 1312 Em 2 de fevereiro o concelho de Melgaço em pública assembleia nomeou vários procuradores para em conjunto ou individualmente pedirem ao rei D. Dinis o arrendamento de todo o jugado de Valadares. A procuração remata: E eu Sueiro Martins tabelião de el rei na vila de Melgaço e em Castro Laboreiro (...) esta procuração escrevi (4). Interessante a referência a Castro Laboreiro que já tinha tabelião real embora se lhe não chame vila.
- 1317 Os moradores do termo de Valadares pediram ao rei D. Dinis para os desanexar de Melgaço. Para isso foram passadas duas procurações, ambas aos mesmos legados em 13 de Junho, uma em Sá por João Fernandes público tabelião de Melgaço e da dita terra de Valadares, e outra em Riba de Mouro, com mais ampla representação de constituintes, por Martim Fernandes tabelião de el rei na vila de Melgaço e na terra de Valadares (5).
- 1339 A 21 de fevereiro, em Riba de Mouro, no lugar que chamam Casal de Tomé, perante Pedro Anes alcaide da terra de Valadares, perante mim Lourenço Pires tabelião de Melgaço e da dita terra de Valadares, assim pode ler-se em um traslado do acordo feito por D. Dinis com os de Valadares em 1317, traslado onde apenas se encontra a primeira das procurações (6).
- 1357 D. Pedro I mandou entregar os seus castelos de Melgaço e Castro Laboreiro a Vasco Gome de Abreu (7).
- 1358 D. Pedro I mandou entregar o seu castelo de Melgaço a Garcia Anes de Vilar cavaleiro (8).
- 1368 D. Fernando fez mercê do seu castelo de Melgaço a Gomes Gonçalves de Abreu (9).
- 1388 Era alcaide de Melgaço Alvaro Pais de Soto-Maior com guarinição de Castela, quando no principio do ano lhe foi pôr cerco D. João I. Rendida a vila em 3 de março, entregou-a o rei em 6 a João Rodrigues de Sá (10).
- 1441 Era Martim de Castro alcaide nos castelos de Melgaço e Castro Laboreiro (11). Deve ter sido nesta altura que estes castelos entraram no âmbito da Casa de Bragança, porquanto o infante D. Pedro, regente do reino na menoridade de D. Afonso V, escreveu a seu irmão bastardo D. Afonso conde de Barcelos e duque de Bragança para que mandasse o dito alcaide à corte-real a justificar-se de queixas feitas pelos moradores de Melgaço e mandou-lhe tomar providências para a salvaguarda dos referidos castelos (12).

P.º M. A. BERNARDO PINTOR

(Continua)

- (1) P. M. H. — Inq. 378.
- (2) Inq. de D. Dinis L.º III, fls. 10 vo.
- (3) Inq. de D. Dinis L.º IX fls. 1 vo.
- (4) Chanc. de D. Dinis L.º III fls. 80.
- (5) Chanc. de D. Dinis L.º III fls. 111
- (6) Documento incluído em outro de D. Fernando em 1375. Chanc. de D. Fernando L.º I fls. 31.
- (7) Chanc. de D. Pedro, Liv. I fls. 1 vo.
- (8) Chanc. de D. Pedro Liv. I fls. 21.
- (9) Chanc. de D. Fernando, Liv. I fls. 31.
- (10) Ibidem.
- (11) Ibidem.
- (12) Ibidem.

"A VOZ DE MELGAÇO,"

Annual: 60\$00 — Avença - Quinzenário — Estrangeiro: 100\$00; Avião: 140\$00

1 NOVEMBRO 1974

A. RODRIGUES